

Missão Espiritana

Volume 21 | Number 21

Article 26

1-2013

As Rupturas que o Amor Inspira

Agostinho Tavares

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Tavares, A. (2013). As Rupturas que o Amor Inspira. *Missão Espiritana*, 21-22 (21-22). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol21/iss21/25>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

12 - As Rupturas que o Amor Inspira

«Enquanto iam a caminho, disse-lhe alguém: “Seguir-te-ei para onde quer que fores”. Jesus respondeu-lhe: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. E disse a outro: “Segue-me”. Mas ele respondeu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai”. Jesus disse-lhe: “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus”» (Lc 9, 57-60).

A vida humana está marcada, do princípio ao fim, pelo dinamismo da ruptura.

O processo do nascimento é a primeira ruptura que todos nós vivemos. O começo da nossa vida está marcado por um grito de dor, de liberdade e de luz.

E o fim da nossa vida? Que significa o último suspiro? Não é um grito, por vezes silencioso – Jesus soltou um grande brado, mas nesse brado proclamava: Deus está aqui! – de ruptura e libertação?

Neste sentido, falar de ruptura significa falar de nascimento: passagem para um novo modo e uma maior qualidade de vida. O que dá sentido à ruptura é o amor que engendra a vida.

Quando pensamos em ruptura, sentimos, quase sempre, uma certa repugnância, pois nos fixamos na parte de dor que ela comporta. Mas porque havemos de nos fixar na dor? Porque não havemos de pensar no maior grau de liberdade e de vida que a ruptura traz? Se uma Mãe se fixasse na dor, nunca nasceria uma criança. E, no entanto, vale bem a pena que uma criança nasça!

Quem a todo o custo quer evitar a ruptura nunca chega a gerar vida, nunca chega a ter uma vida fecunda, que valha a pena ser vivida.

Como viveu Cláudio Francisco Poullart des Places a realidade da ruptura?

A primeira nota que vem ao de cima é a de um tempo considerável de hesitação. Desde criança, o jovem Fundador sentia o apelo ao sacerdócio. Os pais, porém, acalentavam outro sonho. E embora fossem bons cristãos, recorreram a várias estratégias para desviá-lo da vida sacerdotal.

A ruptura com o sonho paterno não foi fácil para Cláudio Francisco. Como ele mesmo confessa nos seus Escritos, tinha grande apreço pelos pais e pela irmã. Os laços do sangue prendiam-no, não o deixavam abrir o coração ao apelo de Deus. Hesitou durante vários anos, sem realizar a ruptura que o apelo do Senhor exigia.

Este género de ruptura é geralmente difícil para quem tem uma boa experiência de vida familiar. De onde vem a dificuldade? Parece-

me que, em grande parte, se pode atribuir ao isto: Somos conhecidos; somos compreendidos; somos amados; sentimo-nos seguros. Daí a dificuldade em arriscar. Temos medo do desconhecido. Temos medo sobretudo de não sermos reconhecidos e amados.

A dificuldade torna-se ainda maior quando não compreendemos bem esta ruptura com os «laços do sangue», quando pensamos que ela significa amar menos os que nos são queridos. Mas não é assim, quando esta ruptura acontece por razões de fé. Trata-se, outrossim, de amar de outro modo. Na verdade, acabamos por amar mais e com maior profundidade. Se acompanharmos as rupturas que a Virgem Maria viveu, encontraremos uma grande luz.

Deixo aqui, sem mais comentário, o testemunho de Cláudio Poullart des Places:

«É neste retiro, meu Deus, que espero que falareis ao meu coração e me tirareis, por vossa misericórdia, das inquietações embaraçosas em que me lança a minha indeterminação. Sinto bem que não aprovais a vida que levo, que me destinastes a algo melhor, e que é necessário que tome uma determinação firme e razoável para pensar seriamente na minha salvação.

«Deus não me criou senão para O amar, servir e gozar depois da felicidade prometida às almas justas. Eis o meu único desejo, eis o fim para o qual devo dirigir todos os meus actos. Sou um louco se não trabalho em conformidade com este fim, visto que não devo ter nenhum outro.

«O assunto é de enorme consequência. Daí que vos peça que venhais em minha ajuda. Estais comprometido, Senhor, em conduzir os meus passos, pois estou decidido a seguir o caminho que me indicardes. Renuncio a todas as vantagens que poderiam lisonjear-me e que não aprovais. Falai, meu Deus, ao meu coração; estou disposto a obedecer-vos».

Na análise que fez para discernir a que estado de vida Deus o chamava, Cláudio Francisco, ao ponderar o estado de vida religiosa, comentou para si mesmo:

«Como conciliarias a tua solidão com a inclinação que tens pela minha irmã? Tu ama-la ternamente, não suportas estar muito tempo longe dela. Meu pai está velho e deixará negócios consideráveis que pouca gente além de mim seria capaz de pôr em ordem. Sabes as minhas obrigações para com o pai e a mãe que me deram a vida. Não se oporão à minha vocação, quando souberem que é santa; mas não seria para eles uma consolação ter-me no mundo e contar comigo?».

Esta foi uma ruptura que Cláudio Francisco viveu com perplexidade e sofrimento. Custou-lhe anos de hesitação e de fuga. Mas acabou dando, aos 22 anos, o passo que a fidelidade ao apelo do Senhor requeria. A outra ruptura, que a seguir abordaremos, prende-se com a sua natural ambição.